

## WORLD COMPETITIVENESS YEARBOOK: ANÁLISE DE SEUS PRINCIPAIS RESULTADOS

Carlos Arruda, Fabiana Madsen, Marina Araújo

A Fundação Dom Cabral, como parceira brasileira do International Institute for Management Development – IMD, apoia a realização do World Competitiveness Yearbook (WCY), pesquisa de competitividade lançada pelo Instituto. A partir da análise comparativa dos indicadores quantitativos e qualitativos, são apresentados rankings anuais com a posição competitiva de cada economia. Entretanto, mais do que apresentar as vantagens e desvantagens competitivas oferecidas por um país, o estudo é uma ferramenta de análise da capacidade de um país em prover um ambiente no qual as empresas possam competir eficientemente e crescer.

O conceito de competitividade que norteia a pesquisa salienta as relações “horizontais” existentes entre as diversas economias em um determinado período de tempo. Um relatório individual é capaz de captar as alterações de curto prazo na competitividade de uma nação. Já os relacionamentos dinâmicos da competitividade entre nações só são efetivamente explicitados quando consideramos uma série histórica que acompanha o desempenho desta nação em um período maior de tempo. Isso permite entender a variação de posições pelas quais passam os países.

A avaliação das condições competitivas das nações considera 331 critérios quantitativos e qualitativos. Os indicadores quantitativos, também chamados dados *hard*, são provenientes de bases de dados nacionais e internacionais. Os indicadores qualitativos, também conhecidos por dados *soft*, são obtidos através dos questionários aplicados na comunidade empresarial do país. Estes permitem apreender as reais condições do mercado e das instituições a partir da percepção do setor empresarial. Os indicadores são ainda agrupados em

quatro fatores competitivos, os pilares da competitividade propostos pelo IMD, a saber: Desempenho Econômico, Eficiência do Governo, Eficiência das Empresas e Infraestrutura. Após a computação e padronização de todos esses dados é elaborada uma série de rankings – geral, por fator, por subfator e por critério – que possibilitam o entendimento da posição relativa dos países, ou seja, do posicionamento competitivo de uma economia frente às outras.

Dentre as novidades do relatório WCY 2011 está a introdução de um novo país, os Emirados Árabes Unidos, totalizando 59 economias pesquisadas. Além disso, desde o começo da elaboração do relatório em 1989, é a primeira vez que duas economias aparecem empatadas na primeira posição, Hong Kong e Estados Unidos. No relatório WCY 2010, tais economias ocupavam a segunda e terceira posições, respectivamente, posicionando-se atrás de Cingapura (que está na terceira colocação em 2011). Outro destaque é a criação do ranking que calcula o *gap* entre a Eficiência do Governo e a Eficiência das Empresas nas nações. O resultado apresentado na tabela construída pelo IMD merece atenção uma vez que posiciona o Brasil no topo da lista.

A análise geral dos resultados do relatório de 2011 mostrou que o Brasil rompeu a linha de crescimento competitivo que o acompanhava desde 2007. Os principais responsáveis pela significativa perda de competitividade da economia brasileira foram a elevação do custo de vida no país e a perda de produtividade da indústria. O país perdeu seis posições relativas no ranking geral e voltou a ocupar a 44ª posição. Apesar disso, apresentou um bom desempenho de suas variáveis macroeconômicas, o que permitiu galgar sete posições relativas no pilar Desempenho Econômico.

Sobre o posicionamento absoluto no ranking geral, o Brasil cresceu em 4.512 pontos, subindo de 56.531 pontos em 2010 para 61.043 pontos em 2011.

## DEZ PRINCIPAIS ECONOMIAS COMPETITIVAS EM 2011

TABELA 1

Dez principais economias competitivas, WCY  
2011 – ranking geral

| Score Geral | País           | Posição em 2010* | Posição em 2011* |
|-------------|----------------|------------------|------------------|
| 100,0       | Hong Kong      | 2                | 1                |
| 100,0       | Estados Unidos | 3                | 1                |
| 98,6        | Cingapura      | 1                | 3                |
| 94,1        | Suécia         | 6                | 4                |
| 92,6        | Suíça          | 4                | 5                |
| 92,0        | Taiwan         | 8                | 6                |
| 90,8        | Canadá         | 7                | 7                |
| 90,2        | Qatar          | 15               | 8                |
| 89,3        | Austrália      | 5                | 9                |
| 87,8        | Alemanha       | 16               | 10               |

Fonte: IMD, 2011 / Elaboração própria.

\*O relatório de 2010 apresenta dados *hard* referentes ao ano-base 2009, e dados *soft* que captam transformações ocorridas tanto no ano de 2009 quanto no primeiro semestre de 2010. A mesma lógica é válida para os demais relatórios.

Dentre as dez nações mais competitivas, em oposição à ascensão de Alemanha e Qatar, observa-se que Noruega e Malásia deixaram de pertencer à listagem (atualmente ocupam a 13ª e a 14ª posições, respectivamente). O destaque está na recuperação da competitividade dos EUA, que voltou a ocupar, juntamente com Hong Kong, o primeiro lugar no ranking geral.

A análise geral dos fatores competitivos mostra que **Hong Kong** parece ter-se recuperado bem da crise econômica mundial de 2008. O relatório de 2011 captou que o desempenho econômico do país manteve o mesmo posicionamento competitivo do ano anterior (4ª posição). O crescimento real do PIB atingiu o patamar de 6,8% e a taxa de desemprego caiu para 4,4%, permitindo a aproximação dos níveis de pleno emprego. A eficiência do governo é a mais competitiva, considerando todas as economias pesquisadas, e comportamento similar é apresentado pela eficiência das

empresas. Além de manter sob controle a dívida pública (em 2010, foi de apenas US\$1,45 bilhão), a nação possui um sistema legal fortemente estruturado, um sistema bancário sólido e um regime contra a corrupção rigorosamente aplicado, o que permite respostas rápidas a mudanças no ambiente econômico. Resultados da pesquisa de opinião de executivos corroboram essas informações, ao mostrar que os empresários de Hong Kong consideram que a estrutura legal e regulatória do país estimula a competitividade das empresas.

Entretanto, algumas questões merecem a atenção dos formuladores de políticas, para que se possam evitar futuros entraves. A primeira dessas questões diz respeito à inflação, que saltou de 0,5% em 2009, para 2,4% em 2010. Além da elevação dos preços ao consumidor, os valores dos aluguéis (inclusive de estabelecimentos comerciais) também mostra crescimento nos últimos anos. Desde janeiro de 2010, os preços de aluguéis comerciais aumentaram entre 15,2% e 18,8%. Ademais, a estrutura industrial de Hong Kong aparenta pouca diversificação, em se tratando do tipo de emprego empreendido. São poucos os setores que empregam mão de obra mais qualificada, e muitos que empregam a baixos salários. Conforme afirma David Wong, presidente da Associação Chinesa de Produtores Industriais, se essa questão estrutural da indústria não se balancear, o contínuo desenvolvimento econômico poderá ser afetado, bem como a qualidade de vida de seus habitantes<sup>1</sup>.

Os **Estados Unidos**, apesar das perdas vivenciadas em decorrência da crise econômica mundial, manteve o primeiro lugar no quesito desempenho econômico. A economia do país registrou expansão de 2,9% em 2010, em contraposição à contração de 2,6% no PIB observada em 2009. Dentre as principais contribuições positivas para essa alta estão os investimentos estrangeiros diretos, as exportações de bens e serviços e o consumo doméstico. Os investimentos estrangeiros no país saltaram de US\$134 bilhões em 2009 para US\$194 bilhões em 2010. As exportações de bens chegaram ao valor de US\$1.278,14 bilhões, e de serviços registraram o valor de US\$514,97 bilhões. O consumo das famílias, de US\$10.314 bilhões, é mais que três vezes superior ao consumo doméstico japonês, que ocupa a segunda colocação no ranking desse indicador.

A eficiência do governo é o pilar de pior desempenho competitivo para a economia norte-americana (19ª colocação), no qual o fator referente às finanças públicas se destaca negativamente. O país tem a maior dívida pública quando consideradas as 59 economias estudadas (US\$13.419,47 bilhões), e pode-se verificar

<sup>1</sup>China Daily, disponível em: [http://www.chinadaily.com.cn/hkedition/2011-06/10/content\\_12669082.htm](http://www.chinadaily.com.cn/hkedition/2011-06/10/content_12669082.htm)

também que os gastos envolvendo aparatos militares para alimentar os esforços com as guerras na última década consumiram somente no ano de 2010 quase um quarto dos gastos governamentais<sup>2</sup>. Sobre a eficiência das empresas, os executivos entrevistados percebem de maneira positiva o desenvolvimento das práticas gerenciais e a influência de atitudes e valores das empresas para o crescimento dos negócios. Por fim, o país sobressai em questões de infraestrutura, principalmente quando envolvem ciência e tecnologia. Como exemplo, os gastos totais com P&D chegam aos US\$398 milhões e colocam os Estados Unidos na primeira posição competitiva desse indicador.

**Cingapura**, que havia sido o primeiro colocado no ranking geral 2010, perdeu essa posição para Estados Unidos e Hong Kong, e agora no relatório de 2011 está na terceira colocação. A crise econômica de 2008 teve forte impacto para o país, que é muito dependente do comércio exterior e, por isso, extremamente sensível às mudanças no ambiente global. Após a retração de 1,3% em 2009, o PIB da nação verificou expansão de 14,5% em 2010, o melhor resultado observado nos últimos quarenta anos. Essa forte expansão foi reflexo, principalmente, do aumento da produção do setor manufatureiro, que chegou a 28,2% durante o último trimestre<sup>3</sup>.

Apostando em condições tais como um governo pouco corrupto, força de trabalho bem qualificada e infraestrutura eficiente, o país continua a atrair um montante considerável de investimentos estrangeiros diretos, que podem ser encontrados em praticamente todos os setores. Em 2010, chegaram ao valor de US\$38,64 bilhões, o que equivale a cerca de 17% do seu PIB. Além disso, para manter o seu posicionamento competitivo, o governo tem incentivado as atividades relacionadas à produção de bens com alto valor agregado, tanto no setor manufatureiro quanto no setor de serviços<sup>4</sup>.

Considerando os demais movimentos na listagem das dez economias mais competitivas, podemos ainda fazer breves observações sobre Suécia, Suíça, Taiwan, Canadá, Qatar, Austrália e Alemanha.

| País   | WCY<br>2011(2010) | Destaques                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Suécia | 4(6)              | <p>Destaques positivos para economia doméstica, finanças públicas, produtividade e eficiência e mercado de trabalho.</p> <p>Crescimento real do PIB igual a 5,5% e inflação em 1,2% no ano de 2010; controle dos gastos; crescimento de 4,5% da produtividade; empregados qualificados, bem capacitados e motivados.</p> <p>Principais atrativos*: estabilidade política, infraestrutura confiável e elevado nível educacional.</p>                                                                                                                                           |
| Suíça  | 5(4)              | <p>Destaques negativos para economia doméstica e comércio internacional.</p> <p>O país parece enfrentar uma crise devido à extrema valorização do franco suíço no último ano (superior a 15%), que parece desequilibrar o desempenho de uma gama de indústrias do país. Dentre as medidas que serão adotadas ou estendidas estão a ampliação dos acordos de livre comércio e o acréscimo de fundos para a indústria de turismo.</p> <p>Principais atrativos*: estabilidade política, elevado nível educacional, força de trabalho qualificada e infraestrutura confiável.</p> |
| Taiwan | 6(8)              | <p>Destaques positivos para a economia doméstica e o comércio internacional.</p> <p>Aumento das exportações (em 2010, representaram 63,8% do PIB) e forte expansão também no consumo privado, favorecendo o crescimento real da economia de 10,8%.</p> <p>Principais atrativos*: elevado nível educacional, dinamismo da economia e forte rede de P&amp;D.</p>                                                                                                                                                                                                                |

<sup>2</sup>US Government, disponível em: <http://www.usgovernmentspending.com/#usgs302a>

<sup>3</sup>BBC, disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/business-12106645>

<sup>4</sup>US Department of State, disponível em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2798.htm>

|           |       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------|-------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Canadá    | 7(7)  | <p>Destaque positivo para o comércio internacional. Destaque negativo para os preços.</p> <p>Crescimento das exportações de bens em cerca de 22%. Inflação impulsionada pelo aumento do preço da gasolina e dos alimentos.</p> <p>Principais atrativos*: estabilidade política, força de trabalho qualificada, infraestrutura confiável e elevado nível educacional.</p>                                                                       |
| Qatar     | 8(15) | <p>Destaque positivo para a produtividade e eficiência.</p> <p>Além de um incremento observado nos fluxos de investimentos internos e externos, o motor da economia se confirma nas exportações petrolíferas, proporcionando crescimento de 16,3% no PIB do país.</p> <p>Principais atrativos*: dinamismo da economia, estabilidade política, baixos níveis de corrupção e ambiente jurídico eficaz.</p>                                       |
| Austrália | 9(5)  | <p>Destaques negativos para a economia doméstica, preços e produtividade e eficiência.</p> <p>Crescimento real de 2,8% do PIB, elevação dos preços ao consumidor e do custo de vida e decréscimo de 0,88% na produtividade geral do trabalho.</p> <p>Principais atrativos*: ambiente jurídico eficaz, dinamismo da economia, baixos níveis de corrupção, elevado nível educacional, força de trabalho qualificada e estabilidade política.</p> |

|          |        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|----------|--------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Alemanha | 10(16) | <p>Destaques positivos para preços e produtividade e eficiência, além da percepção dos empresários acerca do cenário econômico.</p> <p>Crescimento real do PIB de 3,6 é a maior expansão registrada desde a unificação do país. Resultado positivo das exportações líquidas em oposição à diminuição do consumo privado e estatal. Empresários acreditam que os lucros das companhias serão maiores, bem como têm expectativas de contínuos avanços na atividade exportadora.</p> <p>Principais atrativos*: força de trabalho qualificada, infraestrutura confiável, produtividade da força de trabalho, elevado nível educacional, estabilidade política e forte rede de P&amp;D.</p> |
|----------|--------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Quadro 1: Destaques de Suécia, Suíça, Taiwan, Canadá, Qatar, Austrália e Alemanha – WCY 2011.

\*De uma lista de 15 fatores, os empresários que responderam à pesquisa de opinião de executivos foram solicitados a selecionar os cinco mais importantes. Nesta apresentação, consideramos aqueles que acumularam mais de 50% das respostas.

## MOVIMENTAÇÕES E DESTAQUES GERAIS

O World Competitiveness Yearbook 2011 não apresentou grandes movimentações em relação ao ano anterior. Dentre as 59 nações analisadas, destacamos quatro que apresentaram as maiores variações de posicionamento competitivo. Duas delas foram marcadas por incrementos à sua competitividade (Turquia e México), e outras duas foram marcadas por perdas de posições competitivas (Grécia e África do Sul).

TABELA 2

Maiores variações no posicionamento competitivo – WCY 2011

| Score Geral | País          | Posição em 2010 | Posição em 2011 | Movimento |
|-------------|---------------|-----------------|-----------------|-----------|
| 63,7        | Turquia       | 48              | 39              | +9        |
| 64,0        | México        | 47              | 38              | +9        |
| 51,8        | Grécia        | 46              | 56              | -10       |
| 56,8        | África do Sul | 44              | 52              | -8        |

Fonte: IMD, 2011 / Elaboração própria.

O desempenho econômico positivo da **Turquia** foi impulsionado pelo crescimento do PIB, que registrou expansão de 8,9% em 2010 (no ano anterior, foi observado um recuo de 4,7% no indicador). De acordo com o relatório do Banco Mundial<sup>5</sup>, a recuperação da Turquia foi reflexo do fortalecimento da demanda doméstica, esta, por sua vez, favorecida pelo aumento dos fluxos de capitais estrangeiros e por políticas monetárias e fiscais mais flexíveis. A eficiência do governo foi o fator de maior destaque da economia turca, principalmente no que se refere às finanças públicas e à estrutura institucional. Em 2010, o governo conseguiu diminuir o déficit do orçamento em aproximadamente dois pontos percentuais (caiu de 5,54% do PIB em 2009, para 3,58% em 2010). Além disso, nos últimos anos, os empresários têm percebido que o controle das finanças públicas por parte do governo é cada vez melhor, e acreditam ser essa a tendência para os próximos anos.

Outros indicadores que apresentaram melhoras são relacionados à percepção dos riscos de instabilidade política, aos obstáculos impostos pela burocracia aos negócios do país e à capacidade do governo de se adaptar frente às mudanças na economia. Por fim, a eficiência das empresas, apoiada sobretudo no quesito produtividade, também apresentou bom desempenho. O crescimento real da produtividade, que vinha em ritmo de queda desde 2005 (quando chegou a representar 6,05% do PIB por pessoa empregada), apresentou seu pior resultado em 2010, quando mostrou percentual de mudança de -5,20%. Entretanto, essa tendência inverteu-se em 2011, ano em que houve crescimento de 2,59% em sua produtividade.

A grande alavanca da economia do **México** foi o desempenho da economia doméstica. O crescimento do PIB de 5,5% (em oposição à retração de 6,5% observada em 2009) foi a maior taxa de expansão registrada no país em uma década. Tal crescimento foi impulsionado principalmente pelo bom desempenho da indústria, que acumulou aumento de 6% das exportações ligadas ao setor manufatureiro. Na sequência, cresceram também o setor agropecuário (5,7%) e o setor de serviços (5%). Além disso, o país manteve a inflação sob controle, terminando o ano de 2010 na menor taxa observada desde 2005. O desempenho econômico veio acompanhado de eficiência das empresas, cujo grande estímulo foi a produtividade. Entretanto, não se observou uma mudança brusca no padrão de produção mexicano, apenas a recuperação dos padrões observados no período pré-crise econômica de 2008.

<sup>5</sup>Global Economic Prospects 2011, disponível em: <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTDEC/EXTDECPROSPECTS/EXTGBLPROSPECTSAPRIL/0..menuPK:659178~pagePK:64218926~piPK:64218953~theSitePK:659149,00.html>

Sobre as economias que mais perderam posições no ranking geral de 2011, destaca-se a **Grécia**, com perda de dez posições competitivas. Passado o período crítico pós-crise econômica mundial em 2008, o PIB de uma grande maioria dos países já começa a dar sinais de recuperação. Entretanto, esse não é o caso da economia grega, que apresentou uma retração de 4,5% em crescimento real. Fato é que o país enfrenta graves problemas econômicos. Atualmente, o Banco Central europeu, o Fundo Monetário Internacional e a Comissão Europeia estão empenhados em uma série de medidas de ajuda ao país, para tentar recuperar sua sustentabilidade fiscal, manter a estabilidade do setor financeiro e incentivar a competitividade. Em contrapartida, o governo grego deverá adotar medidas de austeridade bastante impopulares. As medidas incluem privatizações (que trarão cerca de 50 bilhões de euros ao país até 2015), cortes de gastos (já foi realizada uma série de cortes salariais, e em áreas como saúde e educação) e aumento de impostos.

Os dados do relatório do IMD mostram que, no período de 1997 a 2011, o país apresentou dívida geral do governo superior a 100% em proporção ao PIB em todos os anos<sup>6</sup>. Além disso, o endividamento grego não foi acompanhado pelo incremento da produtividade, que decresce desde 2004. Não é inesperado, portanto, que a Grécia não venha conseguindo cumprir seus compromissos. A percepção dos empresários gregos quanto à atuação do governo e à situação do país também é desfavorável. As políticas adotadas pelo Banco Central são tidas como neutras, ou seja, quase não interferem no desenvolvimento econômico do país. A adaptabilidade do governo frente às mudanças no cenário econômico é historicamente percebida como baixa, assim como as decisões do governo não são consideradas efetivamente implementadas.

A **África do Sul** recebeu um enorme número de investimentos, principalmente devido à Copa do Mundo de Futebol (realizada no país em 2010), e observou um modesto crescimento real de 2,8% no seu PIB (em oposição à retração de 1,8% em 2009). O país ainda espera receber 1,5 milhão de turistas internacionais até o ano de 2015, e com isso continuar a obter retornos dos investimentos em infraestrutura. Contudo, esses esforços não parecem ter sido suficientes para tirar o país da crise econômica. A maior parte dos benefícios já foi absorvida pela crise, e o fim das obras em infraestrutura veio acompanhado de um aumento considerável no número de desempregados (taxa de desemprego de 24%) e no déficit do orçamento do governo. A Comissão Nacional de Planejamento, montada pelo presidente Jacob Zuma em 2010, busca

<sup>6</sup>Exceção apenas em 2003 (97% em proporção do PIB) e 2004 (98% em proporção do PIB).

resolver alguns dos principais problemas apontados, tais como alto nível de desemprego, sistema educacional abaixo dos padrões, carência de qualificação dos trabalhadores, elevada corrupção, sistema de saúde em colapso, persistência da pobreza e uma das maiores desigualdades no mundo.

## A COMPETITIVIDADE DO BRASIL NO ANO DE 2011

A análise geral dos resultados mostrou que o Brasil perdeu seis posições relativas e voltou a ocupar a 44ª posição no ranking geral. Na figura a seguir, observa-se o desempenho do país desde 2005.

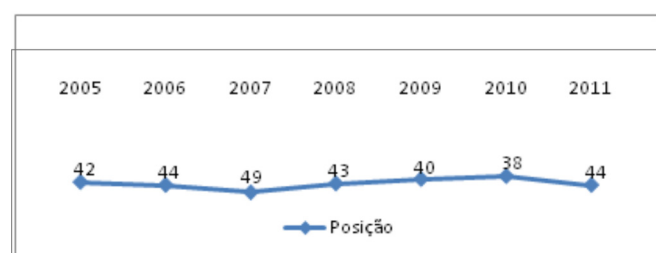


Figura 1: Posição anual do Brasil no ranking geral do WCI. Fonte: IMD, 2009;2011 / Elaboração própria.

A análise geral dos quatro principais pilares da competitividade brasileira mostra um posicionamento positivo do país nos resultados relativos ao desempenho econômico (30ª posição) e à eficiência das empresas (29ª posição). Mais especificamente, o desempenho econômico foi capaz de recuperar as posições competitivas perdidas no relatório de 2010, garantindo a manutenção da trajetória de crescimento do pilar. O pilar da eficiência das empresas, apesar da queda de cinco posições quando comparado ao ano anterior, ainda é o de melhor desempenho para o Brasil. Os maiores desafios à competitividade nacional dizem respeito à eficiência do governo (55ª posição) e à infraestrutura (51ª posição). O pilar eficiência do governo infelizmente perdeu as posições adquiridas ao longo dos últimos anos e manteve o baixo desempenho competitivo já constatado nos anos anteriores. Sobre a infraestrutura, o posicionamento negativo já era esperado, não variando muito ao longo dos últimos anos. Vale lembrar que o relatório do IMD engloba não apenas a infraestrutura física, mas também indicadores de saúde e educação.

A seguir, será feita uma análise fator por fator, para entendermos de maneira mais completa a movimentação da economia brasileira.

## Desempenho econômico

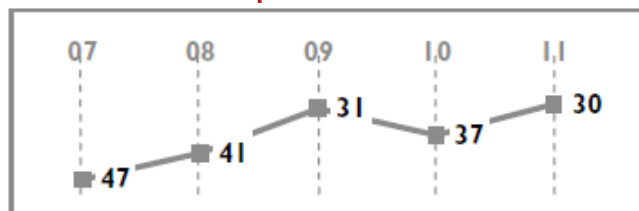


Figura 2: Posição do Brasil no pilar Desempenho Econômico – WCI. Fonte: IMD, 2011.

| Sub-Factor Rankings:     | 2010 | 2011 |
|--------------------------|------|------|
| Domestic Economy         | 19   | 10   |
| International Trade      | 57   | 57   |
| International Investment | 42   | 19   |
| Employment               | 16   | 11   |
| Prices                   | 39   | 51   |

Figura 3: Posição do Brasil nos subfatores de Desempenho Econômico – WCI. Fonte: IMD, 2011.

O ganho de sete posições competitivas no desempenho econômico se deveu, principalmente, à economia doméstica, ao investimento externo e à geração de empregos. Em 2010, observou-se expressivo aumento da taxa de emprego e, consequentemente, aumento do poder de compra das classes sociais mais baixas. Quanto aos ganhos decorrentes da geração recorde de 2,5 milhões de vagas formais em 2010, já descontadas as demissões do período, o setor de serviços foi o que criou o maior número de vagas (1.008.595), seguido do comércio (601.846), da indústria de transformação (536.070) e da construção civil (329.195). A expansão do número de postos de trabalho vem permitindo o alargamento da classe média que, em 2009, representou 50,5% da população brasileira e é responsável por 46,24% do poder de compra do país<sup>7</sup>.

Este mercado interno em expansão, além de permitir a absorção da produção nacional, é um dos responsáveis pela grande atratividade do Brasil para os investidores internacionais. De acordo com dados do Banco Central, em 2010 os investimentos estrangeiros diretos chegaram a R\$80,98 bilhões, o maior da série histórica. Apesar da relevância deste indicador, é importante ressaltar que os investimentos na indústria correspondem a uma parcela cada vez menor do IED. Em 2004, a indústria respondia por 52% dos IED, e essa importância hoje não chega a 20%. Atualmente, a maior parte dos investimentos

<sup>7</sup>FGV, disponível em: <http://www.fgv.br/cps/bd/clippings/mc2305.pdf>

é feita em setores primários como o petrolífero e a mineração<sup>8</sup>.

Por outro lado, o Brasil enfrenta problemas quanto à questão dos preços, notadamente a inflação dos preços ao consumidor e o índice de custo de vida. Os dois indicadores são resultantes diretos da economia doméstica muito aquecida, cujo consumo baseado essencialmente na facilidade de acesso ao crédito pressiona cada vez mais os índices inflacionários. Um levantamento realizado pela consultoria Euromonitor, a pedido do jornal *Estado de S. Paulo*, apontou que o preço de vários produtos e serviços no país está entre os mais altos do mundo. A consultoria encontrou um custo médio ao cruzar dados de tamanho de mercado pelo volume vendido. Mesmo com a ampliação da classe média, a comparação com os valores praticados nos países da Europa e nos Estados Unidos não favorece o Brasil<sup>9</sup>. Outro indicador interessante que corrobora essas informações é o Big Mac Index, desenvolvido pela revista *The Economist*, que compara o preço de um produto semelhante em diversos países. O sanduíche no Brasil está entre os mais caros do mundo<sup>10</sup>.

#### Eficiência do governo

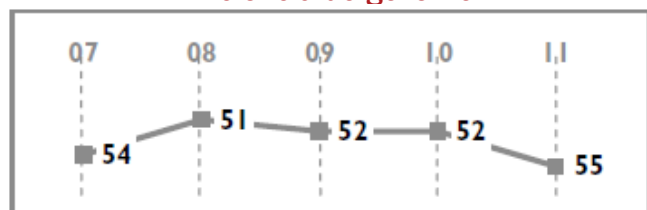


Figura 4: Posição do Brasil no pilar Eficiência do Governo – WCY. Fonte: IMD, 2011.

| Sub-Factor Rankings:    | 2010 | 2011 |
|-------------------------|------|------|
| Public Finance          | 29   | 30   |
| Fiscal Policy           | 37   | 39   |
| Institucional Framework | 54   | 58   |
| Business Legislation    | 55   | 55   |
| Societal Framework      | 35   | 51   |

Figura 5: Posição do Brasil nos subfatores de Eficiência do Governo – WCY. Fonte: IMD, 2011.

<sup>8</sup>Portal G1, disponível em: <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2011/04/investimento-externo-no-brasil-deve-atingir-us-65-bi-no-ano-diz-estudo.html>

<sup>9</sup>Estado de S. Paulo, disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,precos-no-pais-assustam-estrangeiro,496907,0.htm>

<sup>10</sup>Big Mac Index, disponível em: <http://www.bigmacindex.org/2011-big-mac-index.html>

O desempenho negativo da eficiência do governo está relacionado à perda generalizada de competitividade dos subfatores do pilar (a exceção foi legislação para os negócios, que manteve sua posição). Os dados sinalizam um pequeno controle da dívida pública, que apresentou decréscimo em 2,96% no ano de 2010, em oposição ao crescimento de 8,07% em 2009. Entretanto, os gastos do governo continuam bastante altos, comprometendo 36,5% do produto interno. A falta de equilíbrio entre o endividamento interno e externo é outra questão de destaque, uma vez que o percentual da dívida ancorado internamente representa 42,43% do PIB, enquanto o nível de endividamento externo representa apenas 2,4% do PIB, os dois indicadores considerados em 2010.

Observando a série histórica do endividamento brasileiro, percebemos ainda que o *gap* entre os dois níveis apresenta tendência de crescimento, pois o controle e a redução da dívida externa são superiores quando comparados à dívida interna. Desde 2005, os executivos vêm melhorando sua percepção quanto à qualidade da administração das finanças públicas, porém o resultado ainda não é satisfatório. Tem-se a expectativa de que nos próximos anos o Brasil poderá alcançar melhores posições caso mantenha o compromisso assumido pelo governo no início do ano de controle do endividamento e dos gastos públicos.

Apesar de apresentar avanços (em termos absolutos) em critérios como a taxa de juros real da economia (caiu de 14% em 2009 para 9,8% em 2010), nível das reservas (aumentou de US\$238,5 bilhões em 2009 para US\$288,5 bilhões em 2010) e a manutenção do nível de *spread* bancário (em torno de 35%), o país perdeu competitividade para as citadas variáveis sinalizando, mais uma vez, que as mudanças no marco regulatório brasileiro não estão acontecendo na velocidade necessária. Também é relevante a percepção dos empresários quanto a questões como o impacto dos impostos para a atividade econômica brasileira, pois consideram que as empresas brasileiras enfrentam problemas para empreender devido aos tributos cobrados, e as pessoas físicas sentem-se desencorajadas a buscar evolução no seu trabalho. Atualmente, uma empresa de médio porte no Brasil perde 41% de seu lucro no pagamento de taxas e impostos<sup>11</sup>.

Grande surpresa foi a perda de competitividade no quadro social do Brasil. A desigualdade de gêneros e o envelhecimento da sociedade são considerados entraves ao desenvolvimento econômico. A quantidade de mulheres ocupando altos cargos nas empresas mantém-se constante, porém a perda de competitividade sinaliza que o mundo está incorporando as mulheres

<sup>11</sup>The Economist, disponível em: <http://www.economist.com/node/21525439>

nos altos cargos em um ritmo maior que o brasileiro. Pesquisa realizada pelo Instituto Ethos mostrou que 62% das empresas não apresentam medidas de incentivo à presença de mulheres em cargos de direção, e apenas 4% planejam ter ações nesse sentido<sup>12</sup>. Além desses elementos, o coeficiente de GINI, que mede a desigualdade econômica e social de um país, também foi um critério que penalizou a análise competitiva do país. Portanto, o momento parece oportuno para que o governo continue a implementar o seu plano em prol da erradicação da pobreza extrema<sup>13</sup>.

### Eficiência das empresas

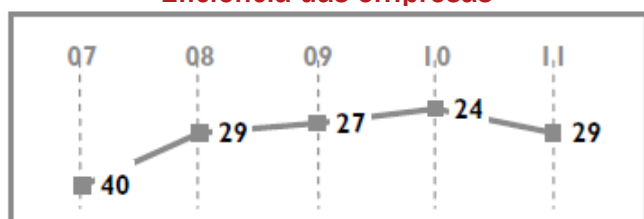


Figura 6: Posição do Brasil no pilar Eficiência das Empresas – WCY. Fonte: IMD, 2011.

| Sub-Factor Rankings:      | 2010 | 2011 |
|---------------------------|------|------|
| Productivity & Efficiency | 28   | 52   |
| Labor Market              | 33   | 9    |
| Finance                   | 24   | 27   |
| Management Practices      | 22   | 28   |
| Attitudes and Values      | 16   | 19   |

Figura 7: Posição do Brasil nos subfatores de Eficiência das Empresas – WCY. Fonte: IMD, 2011.

Os grandes destaques da eficiência das empresas brasileiras no relatório de 2011 foram produtividade e eficiência (de maneira negativa) e mercado de trabalho (de maneira positiva). A queda da produtividade da economia brasileira colocou o país entre as dez nações de menor desempenho competitivo no referido critério. Esse movimento parece muito relacionado ao baixo desempenho da produtividade geral (na paridade do poder de compra) e da produtividade do trabalho. Nos últimos anos, o Brasil vinha apresentando crescimento dos seus níveis de produtividade. O país saltou de um

crescimento de 0,17% em 2004 para o crescimento de 4,38% em 2007. A produtividade do trabalho também apresentava altos índices de crescimento, com auge de 11,45% em 2006. Por isso pareceu uma surpresa a perda de cinquenta posições competitivas no fator.

À primeira vista, o desempenho negativo poderia ser interpretado como resultado, em grande parte, do incipiente processo de recuperação da capacidade ociosa gerada pela contração da produção observada em 2009, decorrente da crise econômica iniciada no ano anterior. Outro sinalizador do comportamento pouco competitivo seria a manutenção do câmbio valorizado, que atua como condicionante a reduzir o ritmo de expansão da indústria, e o consequente incremento das importações, que atingiram valores superiores a 30% em 2010. Ademais, a percepção dos executivos quanto ao apoio oferecido pelo contexto global para a competitividade de suas empresas ainda não chega a níveis notadamente satisfatórios.

Vale lembrar que, no relatório do IMD, o indicador de produtividade é medido pelo percentual de mudança do PIB dividido pelo número de pessoas empregadas. Dessa maneira, quando analisamos o indicador de mercado de trabalho, com seu destacado desempenho competitivo, encontramos outra justificativa para a queda da produtividade da indústria brasileira. Em 2010, o Brasil observou criação recorde de 2,5 milhões de novos postos e o crescimento de 10,22% da força de trabalho. Outro destaque foi a formalização dos trabalhadores, que verificou avanço de 7,2%<sup>14</sup>. Entretanto, os setores que mais absorveram essa mão de obra são serviços e comércio, que geram pouco valor agregado e não têm grande representatividade na plataforma de exportações do Brasil. Associado ao alto custo do trabalho, que é constantemente pressionado pela escassez de trabalhadores qualificados, tem-se um forte indicativo dos problemas enfrentados pela produtividade, que em 2010 representou decréscimo de 0,96%.

Explorando um pouco mais a questão, mas ainda sem apresentar conclusões definitivas, a melhoria dos indicadores de produtividade do país pode estar intimamente ligada à questão da inovação. A economia brasileira deveria ser capaz de produzir bens de melhor qualidade ao menor custo possível para que, dessa forma, incrementasse sua produção de maior valor agregado e, consequentemente, torne-se mais competitiva internacionalmente. A FIG. 8, proveniente de um estudo realizado pelo Ipea, mostra como é a dinâmica da produtividade e do valor agregado da indústria em se tratando de intensidade tecnológica. Pode-se observar

<sup>12</sup>Brasil.gov, disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2010/11/11/mulheres-e-negros-ainda-sao-deixados-de-lado-em-altos-cargos-de-empresas-brasileiras>

<sup>13</sup>Jornal do Brasil, disponível em: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/04/29/plano-para-erradicar-pobreza-extrema-inclui-15-milhao-de-familias-diz-ministra/>

<sup>14</sup>Folha de S. Paulo, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/866681-ibge-destaca-formalizacao-do-mercado-de-trabalho-brasileiro.shtml>

que nas indústrias de alta intensidade tecnológica o nível de produtividade do trabalho é bastante superior.

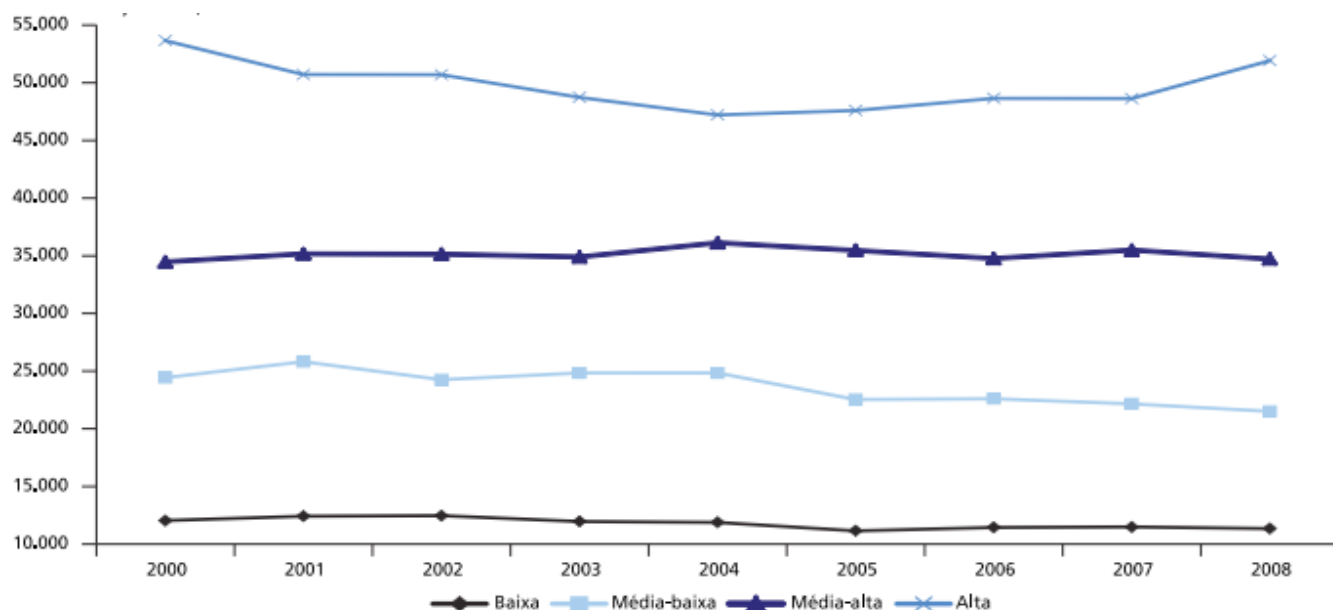


Figura 8: Produtividade do trabalho na indústria segundo intensidade tecnológica. Fonte: Ipea, 2009<sup>15</sup>.

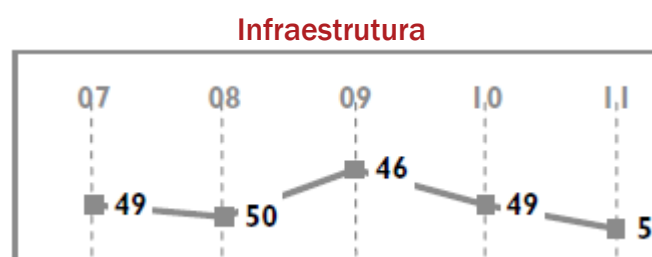


Figura 9: Posição do Brasil no pilar Infraestrutura – WCY. Fonte: IMD, 2011.

| Sub-Factor Rankings:         | 2010 | 2011 |
|------------------------------|------|------|
| Basic infrastructure         | 48   | 55   |
| Technological Infrastructure | 53   | 56   |
| Scientific Infrastructure    | 36   | 34   |
| Health and Environment       | 40   | 35   |
| Education                    | 53   | 56   |

Figura 10: Posição do Brasil nos subfatores de Infraestrutura – WCY. Fonte: IMD, 2011.

A infraestrutura aqui analisada abrange infraestrutura básica, tecnológica e científica, além de educação e saúde. Sobre a infraestrutura básica, o relatório oferece uma série de indicadores – provenientes da pesquisa de opinião de executivos – que captam a percepção

deles acerca da qualidade e adequação dos serviços associados aos transportes, ao fornecimento de energia e aos sistemas de distribuição. À exceção do indicador de infraestrutura de energia, em que os executivos aferem sua adequação e eficiência em relação aos negócios, o Brasil é o país com as piores percepções da infraestrutura básica. A situação mais crítica diz respeito à manutenção e ao desenvolvimento dessa infraestrutura, pois os empresários não creem que estejam sendo realizados planejamentos eficientes e muito menos estão sendo gastos os recursos necessários para tal fim.

Neste trabalho, um dos principais indicadores de infraestrutura tecnológica e científica voltada para a inovação são os gastos totais de um país com pesquisa e desenvolvimento. Quando mencionamos esse tipo de gasto, destacamos a importância tanto da esfera pública como da esfera privada. Além disso, através da inovação, é possível redução dos custos de produção, o desenvolvimento de novos produtos e a agregação de valor à plataforma produtiva nacional. Não é à toa que países como Estados Unidos e Alemanha investem quase 3% de seu produto interno bruto em P&D. Em contrapartida, os investimentos brasileiros, por exemplo, não chegam a 1,5% do PIB. Dessa maneira, fica cada vez mais difícil para o país realizar o *catch-up* tecnológico, uma vez que está evoluindo bem mais devagar que as grandes potências.

Considerando o desenvolvimento sustentado de uma economia, é de extrema importância que uma parte significativa dos investimentos governamentais se destine à educação. O investimento na educação básica é fundamental para garantir a melhoria do capital

<sup>15</sup> Radar: tecnologia, produção e comércio exterior.

humano. Os investimentos em educação no Brasil, como percentual do PIB, representam 4,93%, não são ruins em comparação com países desenvolvidos tais como Estados Unidos (6,64%), Alemanha (4,37%) e Austrália (5,17%). Porém, quando são avaliados os valores absolutos *per capita*, os gastos brasileiros estão muito aquém do que seria ideal: US\$412,08, contra US\$3.049,70 dos Estados Unidos, US\$ 1.778,14 da Alemanha e US\$2.272,13 da Austrália. Os executivos brasileiros avaliam de maneira muito negativa a qualidade do ensino no país. Os resultados da pesquisa de opinião mostram que o sistema educacional não atende às necessidades de uma economia competitiva (considera-se aqui todo o sistema educacional, inclusive o ensino universitário).

Apesar de o subfator Saúde e Meio Ambiente ter apresentado ganho de cinco posições, não é surpresa que uma boa parte dos dados a que tivemos acesso mostrou-se negativa. Perdemos importantes posições em indicadores como assistência médica, prioridade dada ao desenvolvimento sustentável por parte das empresas e adoção de medidas suficientes por parte

do governo em função das mudanças climáticas. É interessante observar que os dois últimos indicadores são provenientes da pesquisa de opinião de executivos. Ou seja, eles tanto reconhecem que as empresas não dão a prioridade necessária às questões envolvendo o desenvolvimento sustentável como “cobram” do governo mais ações em prol dos problemas climáticos.

## O BRASIL E OS BRICS

Quando comparado com as demais grandes economias com alto nível de crescimento, os chamados BRICs, verifica-se que o Brasil continua na terceira posição, mantendo-se à frente somente da Rússia, que ganhou duas posições no ranking geral, enquanto China e Índia perderam uma posição cada, caindo para a 19ª e 32ª posições respectivamente. No gráfico a seguir, está representado o desempenho de cada uma dessas economias quanto aos quatro pilares competitivos do relatório. Quanto mais próxima do centro, mais bem posicionada está a economia no referido pilar.

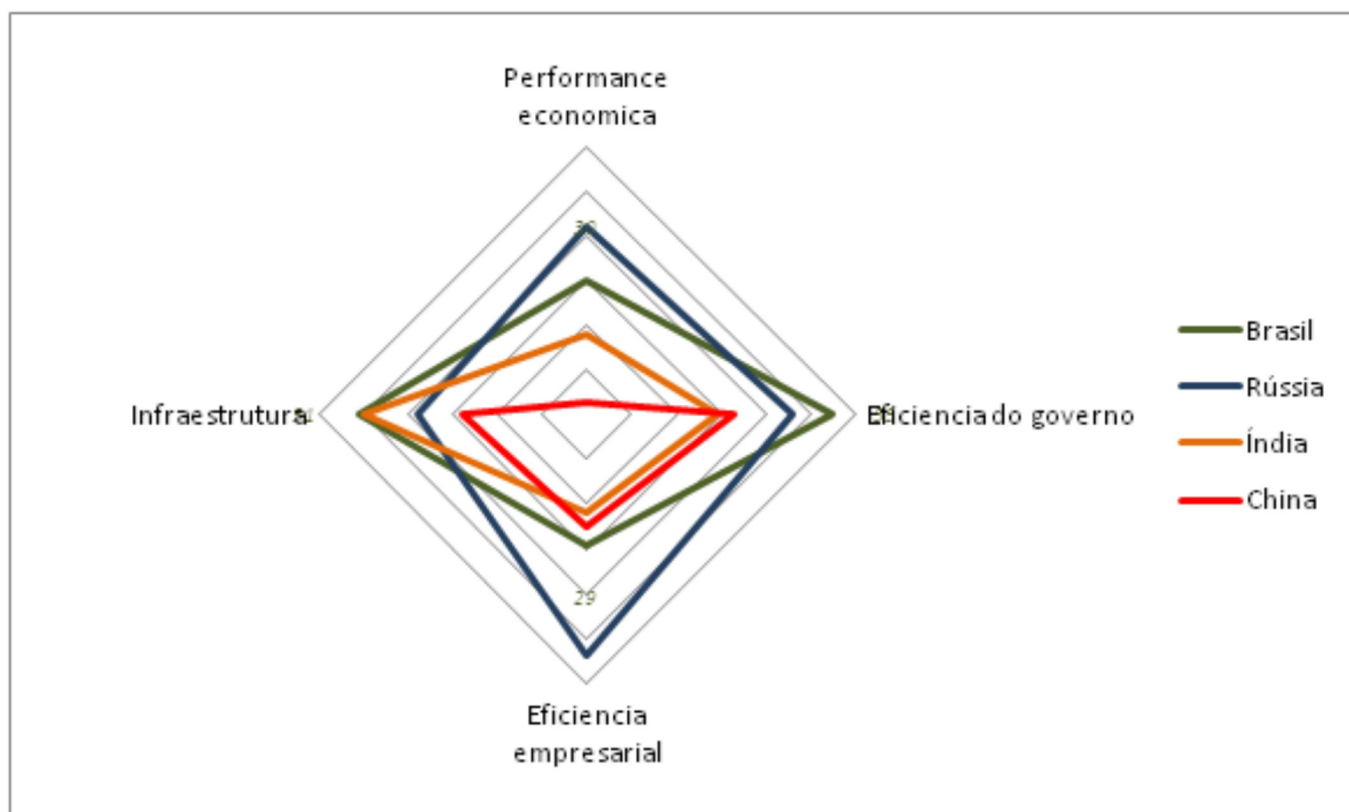


Gráfico 1: Posicionamento competitivo dos BRICS – Pilares da competitividade – WCY 2011.

Fonte: IMD, 2011 / Elaboração própria.

TABELA 3  
Posicionamento competitivo BRICs – Pilares da Competitividade – WCY 2011

|        | Desempenho Econômico | Eficiência do Governo | Eficiência das Empresas | Infraestrutura | Ranking Geral |
|--------|----------------------|-----------------------|-------------------------|----------------|---------------|
| Brasil | 30                   | 55                    | 29                      | 51             | 44            |
| Rússia | 42                   | 46                    | 54                      | 38             | 49            |
| Índia  | 18                   | 29                    | 22                      | 50             | 32            |
| China  | 3                    | 33                    | 25                      | 28             | 19            |

Fonte: IMD, 2011/ Elaboração própria.

A **Rússia** tem a pior colocação geral no conjunto dos BRICs. Apesar de contar com grande parte de sua infraestrutura obsoleta e remanescente da era soviética, o pilar de destaque do país é infraestrutura. Por um lado, é o país do grupo que apresenta os maiores gastos públicos com educação, sendo que em 2009 o valor foi US\$412,73 *per capita*. Por outro lado, uma série de indicadores provenientes da pesquisa de opinião de executivos mostra que a infraestrutura básica é considerada precária no que diz respeito à qualidade do transporte aéreo, à infraestrutura de distribuição e energia e à manutenção e desenvolvimento, por exemplo. Já o posicionamento competitivo da eficiência das empresas é muito negativo e discrepante dos demais. Mais uma vez, a percepção dos executivos sobre o ambiente empresarial foi fundamental para a queda no desempenho, principalmente em questões relacionadas a atitudes e valores como a falta de responsabilidade social dos líderes, ausência de valor dado aos funcionários, desinteresse do corpo gerencial por questões sociais e ambientais e práticas éticas.

O desempenho econômico da **Índia** é o fator positivo da nação, que ocupou a segunda colocação no grupo no relatório de 2011. As exportações de serviços comerciais representaram mais de um terço do total de exportações indianas no período entre 2008 e 2009, em que alcançaram valor de US\$101,2 bilhões<sup>16</sup>. No ano de 2010, não foi diferente, e o percentual de mudança do crescimento das exportações de serviços chegou a 21,42%. A infraestrutura, por sua vez, é o destaque negativo, cujo ponto crítico é a infraestrutura de energia. De acordo com a Agência Internacional de Energia, a demanda total por energia no país só será atendida no

ano de 2030, caso os investimentos no setor mantenham o ritmo atual. Alguns indicadores sociais do país também são entrave para a competitividade indiana, entre outros, expectativa de vida ao nascer, acesso à água tratada e índice de desenvolvimento humano.

A partir do GRÁF. 1, verifica-se que a **China** é a nação mais proeminente do grupo. Seu melhor posicionamento competitivo diz respeito ao desempenho econômico, com crescimento médio de 11,18% entre os anos de 2005 e 2010. Os indicadores de poupança e investimento também são os mais altos do grupo, sendo que em 2009 os níveis de poupança ultrapassaram 50% em proporção do PIB. Quanto aos investimentos, a China foi o segundo maior país a receber os fluxos de investimentos estrangeiros no ano de 2010 (perdeu apenas para Estados Unidos), com valor total de R\$105,7 bilhões. Sobre a eficiência do governo, o país apresenta desempenho negativo (é o pilar de pior comportamento), com perdas significativas de posições competitivas desde os resultados do relatório de 2007. Os grandes desencadeadores desse comportamento estão relacionados à crescente dívida pública do país, que em 2010 chegou a US\$1041,14 bilhões, e à percepção dos executivos chineses sobre uma série de questões envolvendo a postura do governo, tais como burocracia, corrupção e adaptabilidade das políticas desenvolvidas.

## O BRASIL E A AMÉRICA LATINA

Sobre os países da América Latina considerados no estudo do IMD (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela) será feita uma breve apresentação de seus destaques e movimentações.

<sup>16</sup>US Department of State, disponível em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/3454.htm>.

TABELA 4  
Posicionamento Competitivo América Latina – Pilares da Competitividade – WCY 2011

|           | Desempe-<br>nho Econô-<br>mico | Eficiência do<br>Governo | Eficiência da<br>Empresa | Infraestru-<br>tura | Ranking<br>geral |
|-----------|--------------------------------|--------------------------|--------------------------|---------------------|------------------|
| Argentina | 39                             | 57                       | 51                       | 45                  | 54               |
| Brasil    | 30                             | 55                       | 29                       | 51                  | 44               |
| Chile     | 17                             | 12                       | 21                       | 40                  | 25               |
| Colômbia  | 41                             | 45                       | 37                       | 54                  | 46               |
| México    | 16                             | 43                       | 43                       | 49                  | 38               |
| Peru      | 20                             | 36                       | 39                       | 58                  | 43               |
| Venezuela | 59                             | 59                       | 58                       | 59                  | 59               |

Fonte: IMD, 2011 / Elaboração própria.

O **Chile** é a economia com melhor posicionamento do grupo. De acordo com o Banco Central chileno, o país registrou expansão de 5,2% no ano passado, em relação ao ano de 2009, sendo que o aumento de 16,4% no consumo foi o maior responsável por esse crescimento. Um segundo fator apontado foi o dinamismo dos investimentos em máquinas e equipamentos. O setor de energia elétrica foi o que mais cresceu no ano passado (13,7%), seguido pelo setor que reúne comércio, hotelaria e restaurantes (expansão de 13,3%)<sup>17</sup>.

Em seguida, aparece o **México**, que galgou nove posições entre 2009 e 2010. Detalhes sobre o comportamento da economia mexicana, cujo grande destaque foi o desempenho econômico, podem ser observados na seção sobre maiores movimentações e destaques.

A economia do **Peru** mostrou vigorosa recuperação de 8,78% em 2010, após desaceleração observada no ano anterior em razão da crise econômica mundial. Uma das causas para esse comportamento, segundo informou o Instituto Nacional de Estatística e Informática (INEI), o crescimento se associa à recuperação registrada tanto na demanda interna quanto na demanda externa<sup>18</sup>. Entretanto, o país perdeu duas colocações no ranking geral, muito em função da percepção dos executivos peruanos acerca de questões políticas. Os empresários acreditam que as políticas de governo não são transparentes, com destaque para a existência de suborno e corrupção. Além disso, consideram que a burocracia é um grande entrave ao desenvolvimento das atividades empresariais.

Embora tenha apresentado crescimento de 4,3% em 2010, a **Colômbia** perdeu uma posição competitiva no ranking geral justamente devido a alguns indicadores que determinam o desempenho econômico, além de algumas questões sociais observadas pelos empresários. O nível de investimentos estrangeiros que entrou no país reduziu tanto em valores absolutos (caiu de US\$7,21 bilhões para US\$6,76 bilhões) quanto em percentual do PIB (queda de quase 1%). O custo de vida colombiano também aumentou bastante, o que impulsiona o fator preços. Por fim, o país ainda carece de uma justiça honesta, que assegure os direitos privados e a segurança pessoal de maneira adequada, bem como necessita de políticas eficientes para redução da desigualdade.

A **Argentina** ganhou uma posição no relatório 2011 impulsionada, principalmente, por pequenos ganhos em questões como infraestrutura tecnológica e infraestrutura de saúde e educação, além de um crescimento de 9,2% de seu PIB. Entretanto, o país vem enfrentando um problema inflacionário, cujas taxas chegaram a 10,9% em 2010, e que não é reconhecido como tal pelo governo. Agências e consultorias especializadas apontaram que é uma das taxas mais altas da América Latina, superada apenas por Venezuela<sup>19</sup>.

Mais uma vez, a **Venezuela** é o último colocado no ranking geral do IMD. A competitividade do país apresenta problemas generalizados de eficiência dos agentes governamentais e do corpo empresarial e infraestrutura. Apesar de ser um dos maiores produtores e exportadores de petróleo do mundo (aproximadamente 95% das divisas que entram no país são provenientes da *commodity*), o país não consegue tirar proveito desses investimentos e ganhar competitividade.

<sup>17</sup>Agência Estado, disponível em: <http://noticias.r7.com/economia/noticias/economia-do-chile-cresce-em-2010-com-aumento-no-consumo-20110318.html>

<sup>18</sup>Valor Econômico, disponível em: <http://www.valor.com.br/arquivo/174481/economia-peruana-cresceu-878-em-2010>

<sup>19</sup>O Globo, disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2011/01/15/inflacao-oficial-argentina-foi-de-10-9-em-2010-para-analistas-bateu-26-923512434.asp>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais, os dados e fatos abordados nas seções anteriores apontam o reestabelecimento competitivo da economia mundial. Apesar de ainda existirem exceções que merecem destaque, como é o caso da economia grega, observamos que os produtos internos das nações expandiram-se, em oposição à massiva retração observada no ano anterior. Outro indicador que podemos utilizar como referência diz respeito aos investimentos, cujos níveis também voltaram a crescer. Em suma, o WCY 2011 parece nos indicar que, após a crise instalada no mundo em 2008, o controle exercido pelos países nos anos de 2009 e 2010 permitiu que eles criassem condições para a busca do equilíbrio. Ou seja, esperamos observar nos anos de 2011 e 2012 o reestabelecimento da ordem econômica e competitiva das nações refletido no alcance do crescimento econômico sustentado.

Mais especificamente em relação ao Brasil, dos 20 subfatores analisados pelo relatório, quatro se destacaram, sendo dois como pontos positivos e de avanço para o país (mercado de trabalho e investimento internacional) e os outros dois como pontos negativos e de retrocesso das condições competitivas nacionais (produtividade e eficiência e preços). Os demais subfatores, embora tenham apresentado alguma movimentação, não sinalizaram alterações consideráveis da plataforma competitiva nacional. O subfator investimento internacional foi um dos pilares que mais avançou. No relatório de 2010, o país ocupava a 42ª posição e hoje saltou vinte e três posições e ocupa a 19ª posição. O subfator mercado de trabalho também ganhou posições, com a 9ª colocação no ranking, representando um ganho de vinte e quatro posições. Na contramão desses avanços para a competitividade nacional, está a perda de doze colocações no subfator preços, ocupando em 2011 a 51ª posição, e a perda de vinte e quatro posições no subfator produtividade e eficiência, que historicamente apresentava bom desempenho no estudo e hoje ocupa o 52º lugar.

Um dos grandes problemas da economia brasileira é o desempenho do governo. O Brasil é citado no relatório como o país que tem a maior defasagem entre o desempenho dos agentes governamentais e o desempenho do setor empresarial. Quando observamos o comportamento econômico da grande maioria das nações mais bem posicionadas em termos competitivos, percebemos que elas têm a capacidade de combinar a eficiência da competitividade empresarial com a sólida competitividade do setor governamental. Entretanto, percebe-se no Brasil que as dificuldades

encontradas pelo setor produtivo para a formação da plataforma competitiva do país são, em grande parte, decorrentes da ineficiência do governo em atuar de maneira eficaz e fornecer as condições adequadas aos demais agentes.

Neste momento, a continuidade do crescimento econômico nacional dependerá do comportamento da economia brasileira frente a quatro pontos principais: o aumento do crédito, que estaria levando a um endividamento excessivo dos consumidores; a alta da inflação, que já começou a ser percebida pelas famílias no ano passado; a valorização do câmbio, que reduz a competitividade dos produtos nacionais no exterior; e a perda da eficiência na produção, que pode ser um sinal de desindustrialização do Brasil.

A facilidade de acesso ao crédito, tanto por parte das empresas como por parte das famílias, propicia um aumento na demanda por bens e serviços no país. Com a economia doméstica cada vez mais aquecida, com foco principal nesse consumo baseado no crédito, preços tendem a se elevar pressionando ainda mais os índices inflacionários. Essa onda de consumo crescente eleva os preços dos ativos (bens e serviços) e em um cenário de alto crescimento econômico torna-se mais evidente a necessidade de se criar condições para a expansão da oferta de novos produtos e serviços, bem como a redução de seus custos adjacentes. Dessa maneira, tornam-se necessários investimentos em infraestrutura, ampliação da capacidade produtiva e o desenvolvimento de profissionais capacitados.

Já a valorização excessiva do câmbio prejudica sobremaneira a produção interna. Com a moeda nacional valorizada, os produtos nacionais se tornam pouco competitivos, quando comparados com a produção internacional. Dessa maneira, o nível das exportações é negativamente afetado, e as importações aumentam. Dentre as principais razões apontadas para a valorização do real frente ao dólar estão: i) elevada taxa de juros da economia brasileira; ii) aumento do preço relativo dos principais produtos exportados pelo Brasil; e iii) expansão monetária dos países desenvolvidos. O aumento dos juros para conter a inflação tornou o Brasil um país extremamente atrativo para capitais estrangeiros. Com os juros altos e a alta confiabilidade do Brasil, os investidores internacionais têm no país um porto seguro, pois terão seu capital muito bem remunerado com riscos baixíssimos. Desta forma, há uma grande quantidade de oferta de moeda estrangeira no país. Já o aumento vertiginoso dos preços relativos está relacionado à valorização das *commodities* no mercado internacional desde 2010. O aumento nos preços desses produtos básicos, carro-chefe da economia brasileira, não foi acompanhado por um aumento no preço dos produtos

industrializados importados pelo país. Dessa forma, o real está conseguindo comprar mais bens no mercado externo, valorizando-se. Por fim, tem-se comentado muito a respeito das políticas monetárias expansionistas adotadas por países como Estados Unidos, conforme afirma o ministro Guido Mantega: “o cenário atual é muito desfavorável por causa das políticas monetárias expansionistas dos países avançados”<sup>20</sup>.

Como apontado acima, algumas das razões para o comportamento cambial se deve a fatores externos que fogem ao controle do governo brasileiro. Entretanto, algumas medidas podem ser tomadas na tentativa de frear a valorização do real. A primeira delas é a diminuição da taxa básica de juros, um grande desafio para o país, que precisa encontrar um ponto ótimo em que a taxa consiga, ao mesmo tempo, conter a inflação e não ser tão atrativa para os investidores internacionais. Outra medida possível é conter a oferta de dólares no mercado, ou seja, o Banco Central brasileiro pode realizar medidas que restrinjam a oferta de dólares no mercado brasileiro, seja aumentando impostos para gastos no exterior, seja comprando dólares no mercado.

A mudança brusca do padrão de produtividade do país é, em um primeiro momento, incompatível com os níveis de produto e consumo atuais da economia brasileira (como já foi apresentado anteriormente). O ritmo acelerado no qual a economia nacional cresce

tornaria incoerente o decréscimo da produtividade dos fatores produtivos. A resposta para essa inconsistência parece estar ancorada na relação entre o tipo de emprego criado nos últimos anos e a produção. Estão sendo criados empregos que exigem menor qualificação do trabalhador, em setores que agregam pouco valor à economia, o que acaba reduzindo a produtividade. Ou seja, apesar dos óbvios benefícios econômicos e sociais que acompanham a positiva geração de postos de trabalhos, estes não estão sendo adequados para a reestruturação e crescimento do setor produtivo brasileiro. Soma-se a essa questão da produtividade a elevação do custo de vida no país, que acaba por encarecer também a mão de obra.

Na busca pelo equilíbrio, a economia brasileira deverá alocar seus recursos de maneira mais eficiente. Para resultados mais imediatos, esses recursos precisam ser destinados, principalmente, à melhoria no ensino do país, que carece de mão de obra qualificada, e na infraestrutura (tanto física como científica e tecnológica). Considerando o longo prazo, o investimento na educação básica dos alunos é fundamental para garantia de melhorias na capacidade do capital humano que se forma. Por fim, destacamos a importância dos incentivos às políticas voltadas para a inovação. Elas são essenciais à manutenção e sustentação da economia brasileira, e consequentemente de suas empresas, no mercado internacional.

---

20 [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110707\\_mantega\\_paris\\_df.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110707_mantega_paris_df.shtml)